

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO DA HANSENÍASE—2025

REGIÃO DE SAÚDE DE FEIRA DE SANTANA



Volume 4, edição 1

23 de março de 2026

OBJETIVOS

Analisar o perfil epidemiológico da hanseníase na Região de Saúde de Feira de Santana, Bahia, no período de 2016 a 2025, buscando compreender a evolução da doença ao longo dos anos. Além disso, avaliar os principais indicadores operacionais referentes ao ano de 2025, como a proporção de cura dos casos novos, a proporção de contatos examinados e a proporção de casos com grau II de incapacidade no momento do diagnóstico, bem como o indicador epidemiológico de taxa de detecção.

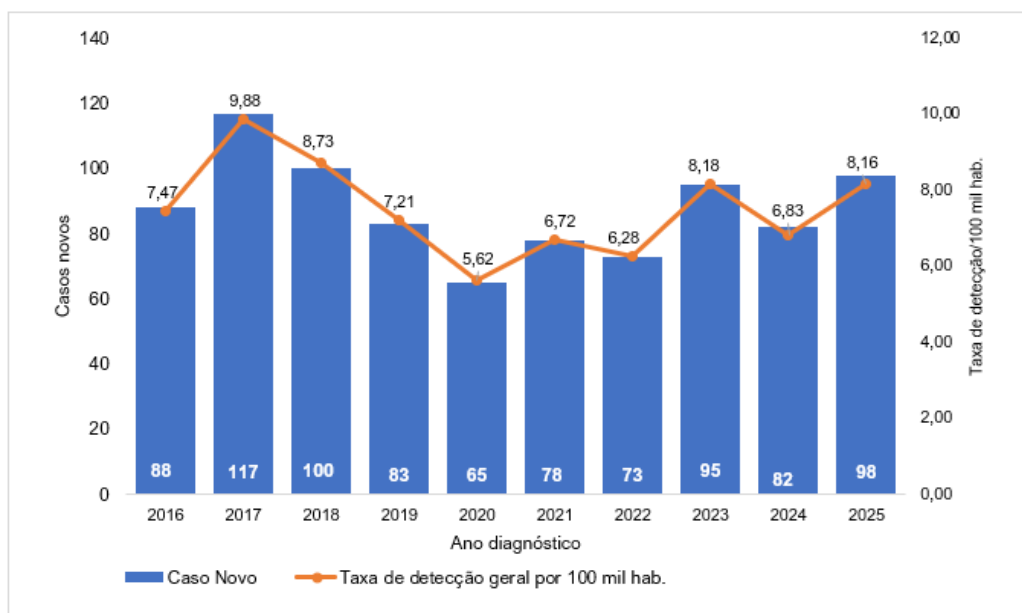
MÉTODOS

Para cálculo dos indicadores de proporção de cura e contatos examinados da coorte de 2025 utilizou-se o número de casos novos diagnosticados em 2024, para casos Paucibacilares e de 2023 para Multibacilares. Para a taxa de detecção de casos utilizou-se os casos novos de 2025

CENÁRIO EPIDEMIOLÓGICO REGIÃO DE SAÚDE DE FEIRA DE SANTANA

Durante o período de 2016 a 2025, foram notificados 1.099 casos de hanseníase na Região de Saúde de Feira de Santana. Destes, 80% (n= 879) foram classificados como casos novos da doença. Ao longo da série histórica de casos novos observa-se um aumento entre 2016 e 2017, com pico de 117 casos e taxa de 9,88, indicando maior detecção. A partir de 2018, verifica-se uma tendência de redução gradual até 2020, ano em que se registra o menor número de casos (n= 65) e a menor taxa de detecção (5,62). Essa queda acentuada em 2020 provavelmente não representa uma diminuição real da incidência da doença, mas sim um contexto de subnotificação, possivelmente relacionado à pandemia de COVID-19. Nos anos subsequentes, entre 2021 e 2023, observa-se uma retomada progressiva tanto no número de casos quanto nas taxas de detecção, sugerindo a reestruturação dos serviços e a identificação de casos que podem ter ficado ocultos ou não diagnosticados anteriormente. Em 2024 há uma leve redução de casos novos (n= 82), seguida por novo aumento em 2025 com 98 casos notificados. Em toda série histórica a Região de Saúde de Feira de Santana apresentou, de acordo com o Ministério da Saúde, taxa de detecção “Média” (1,99 - 9,99 por 100 mil hab) como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1—Número de casos novos e taxa de detecção de hanseníase, segundo ano do diagnóstico. Região de Saúde de Feira de Santana, 2016 a 2025.



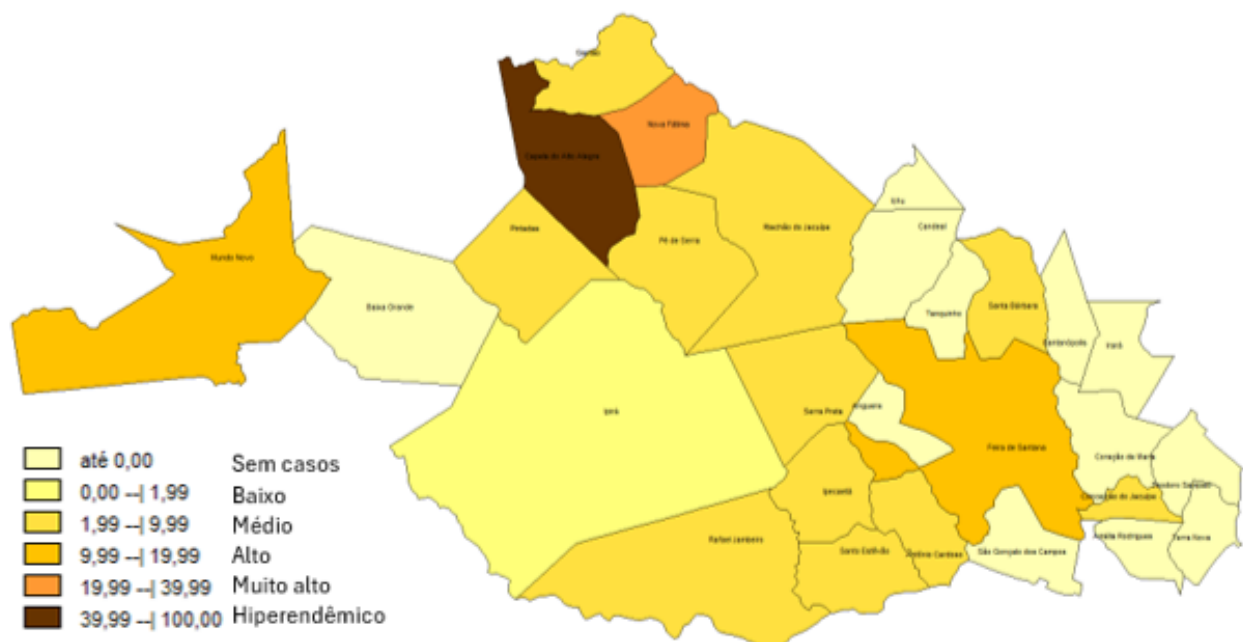
Fonte: SINAN/NRSCL. Dados extraídos em 23/03/2026

TAXA DE DETECÇÃO DE CASOS NOVOS DE HANSENÍASE

De 28 municípios que compõem a Região de Saúde de Feira de Santana, 57,1% (n= 16) apresentaram casos novos da hanseníase no ano de 2025. A análise da taxa de detecção anual da doença na Região revela um cenário heterogêneo, com importantes desigualdades intra-regionais e indícios de diferentes níveis de endemicidade. A taxa média Regional (9,88 casos por 100 mil habitantes) aponta uma situação de média endemicidade, porém esse valor agregado mascara extremos relevantes entre os municípios. Os municípios de Candeal, Gavião, Ichu e Terra Nova completaram dois anos consecutivos sem casos nos da doença. No entanto, destaca-se de forma crítica o município de Capela do Alto Alegre (90,46), com uma taxa extremamente elevada, caracterizando um cenário de hiperendemicidade. Em um segundo lugar, o município de Nova Fátima (36,30) também apresenta taxa Muito Alta, sugerin-

alta carga da doença e necessidade urgente de intensificação de ações como busca ativa, exame de contatos e qualificação do diagnóstico precoce. Municípios como Mundo Novo (11,48) e Feira de Santana (10,64) situam-se acima da média Regional, indicando manutenção da cadeia de transmissão e possível detecção ainda tardia de casos. Por outro lado, municípios como Ipirá (1,69) e Conceição do Jacuípe (2,67) apresentam taxas baixas, o que pode indicar tanto baixa transmissão quanto possível sub-detecção. Os demais municípios apresentam taxas intermediárias (entre aproximadamente 3 e 9 casos/100 mil habitantes), como Antônio Cardoso, Ipecaetá, Pé de Serra, Pintadas e Riachão do Jacuípe, configurando um padrão de endemicidade moderada, com necessidade de manutenção das ações de controle (Figura 1).

Figura 1—Taxa de detecção de hanseníase, segundo ano do diagnóstico e município de residência. Região de Saúde de Feira de Santana, Bahia, 2025.



Fonte: SINAN/NRSCL. Dados extraídos em 23/03/2026

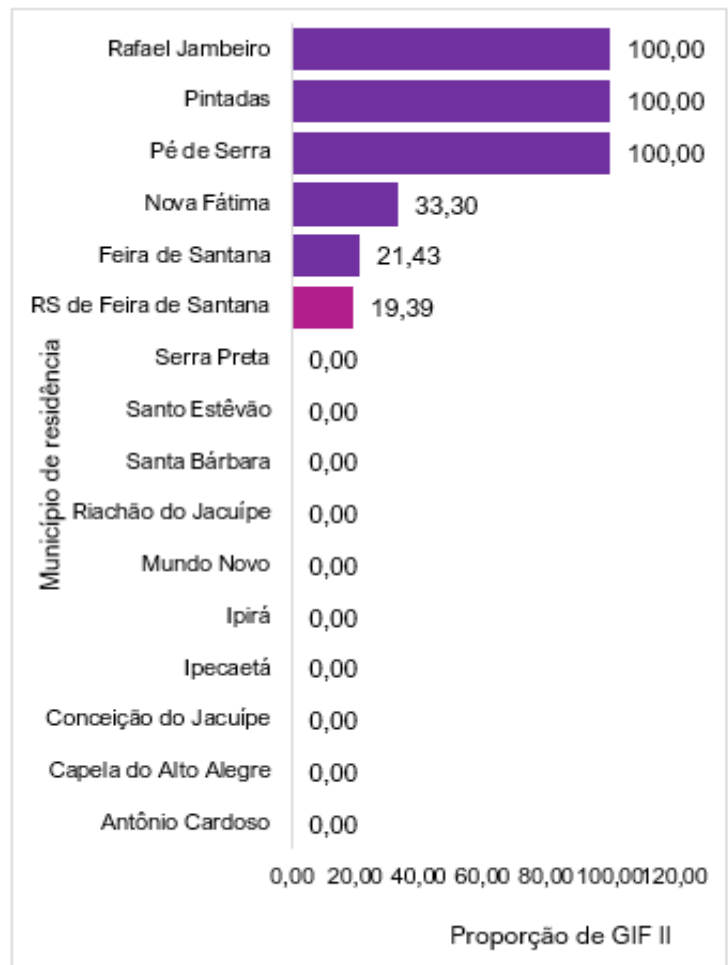
“O estigma é muito forte. Muitas vezes machuca mais o doente do que a própria doença.”

PROPORÇÃO DE GIF II DE HANSENÍASE NO MOMENTO DIAGNÓSTICO

A análise do percentual de Grau de Incapacidade Física II (GIF II) no momento do diagnóstico, evidencia um cenário preocupante na Região, sobretudo no que se refere à detecção tardia dos casos e à heterogeneidade entre os municípios. O percentual Regional de 19,4%, considerado elevado, indica que uma proporção significativa dos casos está sendo diagnosticada tardiamente, quando já há presença de incapacidades físicas visíveis. Esse indicador operacional é classicamente utilizado como marcador indireto da qualidade da vigilância e da capacidade da Atenção Primária em Saúde na identificação precocemente a doença.

Chama atenção os municípios de Pé de Serra, Pintadas e Rafael Jambeiro, todos com 100% de GIF II no diagnóstico. Esse resultado, estar relacionado a pequeno número absoluto de casos (n=1) é epidemiologicamente alarmante, pois todos os casos detectados nesses locais já apresentavam incapacidades, caracterizando falha importante na detecção precoce, baixa suspeição clínica ou dificuldades de acesso aos serviços de saúde. O município de Nova Fátima (33,3%) também apresenta um percentual elevado, reforçando a hipótese de diagnóstico tardio, possivelmente associado a manutenção da transmissão ativa e fragilidades na vigilância. Já Feira de Santana (21,4%), mesmo sendo o principal polo assistencial da Região, apresenta um percentual acima do esperado, indicando que, apesar da maior oferta de serviços, ainda há barreiras no acesso oportuno ou atraso na identificação dos casos. Por outro lado, a maioria (n= 10) dos municípios

Gráfico 2—Percentual de casos de hanseníase com grau 2 de Incapacidade Física no momento do diagnóstico entre os casos novos avaliados, segundo ano do diagnóstico e município de residência. Região de Saúde de Feira de Santana, Bahia, 2025.



Fonte: SINAN/NRSCL. Dados extraídos em 23/03/2026

apresentam 0% de GIF II, que pode ser um cenário positivo de diagnóstico precoce, subdetecção de casos, especialmente daqueles mais graves, o que pode mascarar a real situação epidemiológica local (Gráfico 2).

A vigilância do Grau de Incapacidade Física (GIF) na hanseníase visa monitorar o diagnóstico tardio, prevenir deficiências físicas e por conseguinte reduzir o estigma. Seus principais objetivos incluem avaliar a qualidade do diagnóstico precoce, especialmente com GIF 2, investigar casos novos com incapacidades visíveis, instituir planos de cuidado imediatos e notificar o sistema.

CURA E CONTATOS EXAMINADOS DE CASOS NOVOS DE HANSENÍASE

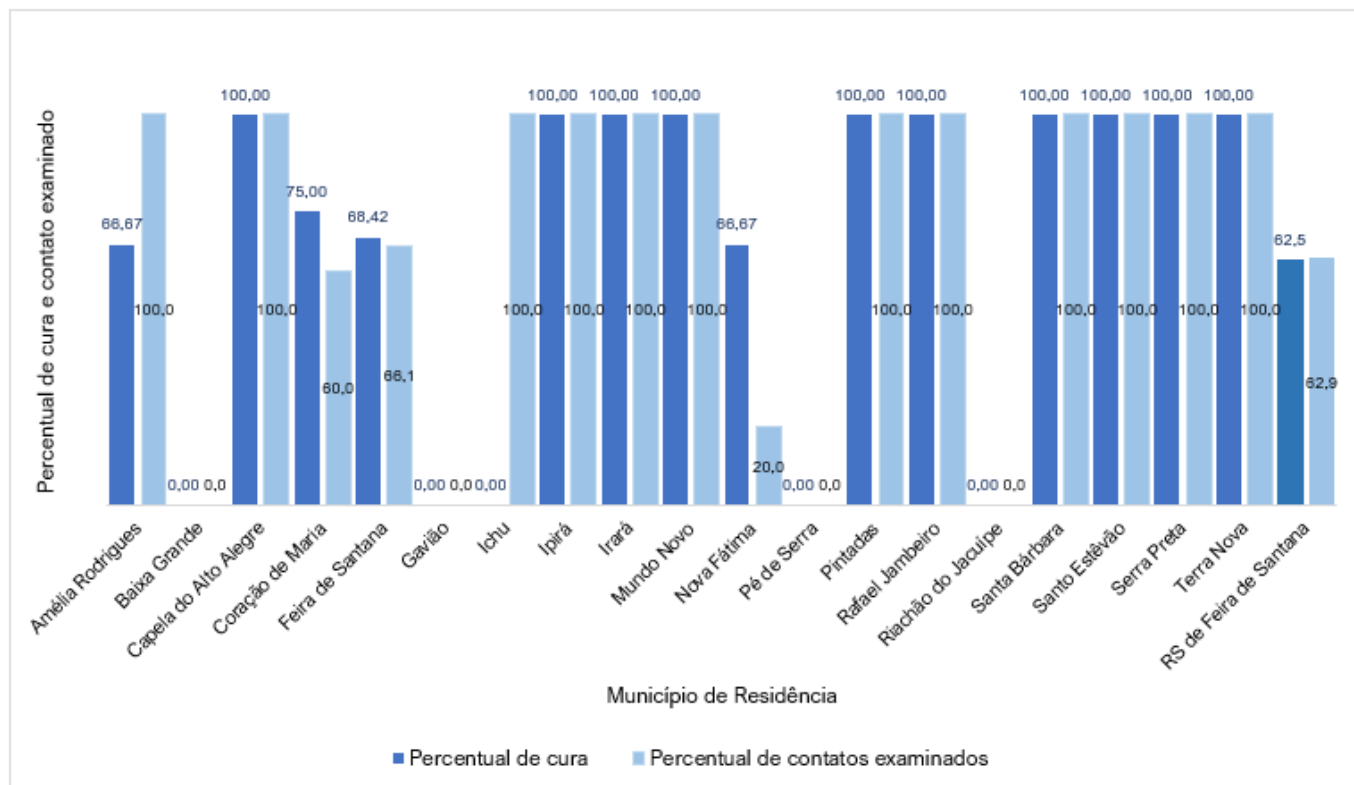
A análise do Gráfico 3 apresenta um cenário desigual na proporção de cura e no percentual de contatos examinados de casos novos, entre os municípios da Região de Saúde, na corte de 2025. Observa-se que diversos municípios como Capela do Alto Alegre, Ichu, Ipirá, Irará, Mundo Novo, Pintadas, Rafael Jambeiro, Santa Bárbara, Santo Estêvão, Serra Preta e Terra Nova, alcançaram 100% tanto na proporção de cura quanto na avaliação de contatos, alcançando a meta do Ministério da Saúde (Bom $\geq 90,0\%$ para proporção de cura e contato de casos novos).

Por outro lado, há municípios com desempenho Precário ($<75\%$), o que merece atenção tanto da vigilância epidemiológica como da APS. Amélia Rodrigues apresenta cura de 66,67%, apesar de ter alcançado 100% de contatos examinados. Em Feira de Santana, observa-se percentual de cura de 68,4% e 66,1% de proporção de contatos examina-

Destacam-se também situações críticas, como Baixa Grande, Gavião, Pé de Serra e Riachão do Jacuípe, que apresentam 0% de contatos examinados, sugerindo falhas importantes na investigação, monitoramento de contatos e/ou ausência de registro de acompanhamento de casos no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). O município de Nova Fátima apresenta uma discrepância relevante, com 66,67% de cura, porém apenas 20% de contatos examinados, reforçando a necessidade de qualificação das ações de vigilância.

No consolidado da Região de Saúde de Feira de Santana, observa-se proporção de cura de aproximadamente 62,5% e contatos examinados em torno de 62,9%, valores abaixo do preconizado pelo Ministério da Saúde ($\geq 90\%$). Isso revela que, apesar de alguns municípios apresentarem desempenho satisfatório, o conjunto da Região ainda enfrenta desafios importantes.

Gráfico 3—Percentual de cura e contatos examinados de casos novos de hanseníase segundo ano do diagnóstico e município de residência. Região de Saúde de Feira de Santana, Bahia, 2025.



RECOMENDAÇÕES

Perante o exposto, com a finalidade de melhorar os resultados e reduzir a transmissão da hanseníase na Região recomenda-se intensificar ações de educação em saúde, qualificação das equipes por meio

da capacitação no manejo clínico da doença, execução do Teste Rápido de Hanseníase, monitoramento sistemático dos indicadores por meio do SINAN e apoio institucional aos municípios com piores desempenhos.

Ciclo de Controle da Hanseníase



COORDENAÇÃO DO NÚCLEO REGIONAL DE SAÚDE CENTRO LESTE
Edy Gomes dos Santos

COORDENAÇÃO DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE
Alexandra Carvalho de Almeida Aires

REFERÊNCIA TÉCNICA DA VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA
Jacqueline Rodrigues de Souza Borges

REFERÊNCIA TÉCNICA REGIONAL DA HANSENÍASE E ELABORAÇÃO DO BOLETIM
Saionara Santana de Jesus



75 3612-4982
nrsc1.viepfsa@saude.ba.gov.br